

Marisa Sfondrini

**Germana Sommaruga
e o "sonho" de Deus**

Notas para uma biografia

Prefácio de Dionigi Tettamanzi

Nihil obstat quominus imprimatur 9 abril de 2010
Dom Ennio Apeciti

Imprimatur na Curia Arquiepiscopal Mediolanensi 22 abril de 2010
Mons. Angelo Mascheroni, ordinário diocesano

Primeira edição: maio de 2010

Reestampa: março de 2011

Prefácio

Germana Sommaruga merece seguramente um lugar especial na Igreja. Nasceu em 1914, no início dos primeiros conflitos mundiais. Transcorreu a sua vida em anos historicamente difíceis, caracterizados por catastróficos acontecimentos político-militares das duas grandes guerras, do fascismo, do nazismo, da perseguição anti-hebraica; mas também por períodos positivos e fecundos das reconstruções após bélicas, do fim do colonialismo e do nascimento de novos Estados. Tempos complexos, mas gloriosos também para a Igreja, que viu a sucessão de pontífices de altíssimo valor espiritual e pastoral, capazes de exercer grande influência sobre os acontecimentos históricos.

Morreu em 1995, quase no acabar do "século breve", Germana Sommaruga experimentou todas as tragédias e as feridas (era de origem Hebraica e a sua família foi duramente atingida pela segunda guerra mundial); junto com as esperanças e as vitórias. Porque a sua vida merece de ser conhecida? Qual o sinal que delineou na História italiana e na Igreja?

A sua existência foi em primeiro lugar sustentada por uma grande fé em Deus, no seu coração misericordioso; uma fé não sem interrogativos, dúvidas, sempre, porém, superados pelo amor por Cristo, vivido em profundidade como única autêntica esperança para toda a humanidade e especialmente, por aquela parte da mesma, carregada de sofrimentos.

Depois de uma exaustiva busca do desenho de Deus sobre ela - busca infelizmente vivida por um longo tempo sozinha e sem ajuda, porque o que o seu coração sentia, não tinha sido ainda reconhecido oficialmente pela Igreja - a fé a conduziu em uma estrada nova de total consagração ao Senhor, para viver permanecendo no século, amando o mundo e a história como "lugar teológico". Para dar forma a essa inspiração fundou um instituo secular, que hoje conhecemos com o

nome de "Instituto das Missionárias dos Enfermos Cristo Esperança". A ação da Sommaruga pode assim desenvolver-se em obras de vasto respiro espiritual e social, que inauguraram novas formas de presença da mulher na Igreja e na comunidade civil.

Depois de Jesus Cristo e o Evangelho, o principal evangelizador de Germana foi São Camilo de Lellis, iluminado exemplo onde bem se adapta o epíteto de "gigante da caridade", capaz de demonstrar com obras e palavras, aspectos fundamentais da misericórdia de Deus e de promover um reforma do mundo da santidade e do cuidado pelo doente, que ainda hoje espera para ser completamente atuada.

De São Camilo a Sommaruga aprendeu a extraordinária lição de caridade que se emite da parábola evangélica do Bom Samaritano: aprendeu, assim, a ficar ao lado dos enfermos e fez com que outras mulheres e outros homens, com ela, fossem atraídos pelo amor recebido e doado nos momentos de dor. Dedicou-se também para que o estilo camiliano de abordagem ao sofrimento, não se limitasse a preocupar-se de aliviar as necessidades físicas, mas que cuidasse também da alma humana, muitas vezes mais doente e ferida do que o corpo.

Tive o prazer e a graça de conhecer pessoalmente Germana Sommaruga; fiquei particularmente impressionada da força interior desta mulher, da sua lucidez intelectual, da obstinação - ousaria dizer - da sua fé, da grandeza e ternura do seu coração para com o próximo, da sua profunda humildade. Fico, então, contente que as suas "filhas no Espírito" e os amigos, tenham trabalhado na sua biografia: não um tratado histórico - para este terá tempo - mas um texto divulgador, que poderá ser lido por muitos e que permitirá a Germana de ajudar ainda - como quando estava viva - muitas pessoas para interpretar e realizar o "sonho" de Deus sobre elas.

Cardeal Dionigi Tettamanzi
Arcebispo de Milão

Uma premissa necessária

Para uma simples jornalista qual sou, colocar as mãos na biografia de uma mulher com uma personalidade tão vasta, complexa, profunda, poliédrica, e ao mesmo tempo com uma vida ocupada quase inteiramente por uma "ideia" (que torna-se o principal objetivo, se não o único), era uma empresa de fato impossível. E por isso o subtítulo "Notas para uma biografia".

As notícias que eu pude recolher e colocar em ordem, derivam quase unicamente dos escritos da mesma Germana Sommaruga e por testemunhos das pessoas que a conheceram. É este, um material, quase nunca uma anedota, e relativo à sua vida privada, também de seus relacionamentos interpessoais, mas se refere quase totalmente ao seu papel de fundadora do Instituto secular Missionárias dos Enfermos "Cristo Esperança" e de formadora dos membros do mesmo Instituto e não somente isso: na verdade, uma das qualidades reconhecidas a Sommaruga é a de ter ajudado muitas e muitas outras pessoas (além das suas Missionárias) e compreende qual a estrada o Senhor tinha desenhado para elas.

Notas: portanto, não um trabalho completado a si, mas indicações, sugestões, intuições que advertem a necessidade de uma ulterior e aprofundada investigação histográfica. De incumbência a espertos.

Germana Sommaruga não foi somente - é só um modo de dizer - a fundadora de um instituto secular feminino, a iniciadora de outras obras com um vasto respiro social e espiritual; foi uma extraordinária mulher de fé, que contribuiu de maneira forte e corajosa ao desenvolvimento da espiritualidade feminina e inaugurou novas vias da presença

das mulheres na Igreja e na sociedade, em um momento histórico (entre duas grandes e devastadoras guerras mundiais) na qual para as mulheres se abriam novos horizontes e novas responsabilidades.

Germana Sommaruga contribuiu - de maneira, creio muito original, e em alguns aspectos decisiva - a efetuar ulteriores sondagens de tipo histórico e a ampliar os conhecimentos da espiritualidade de outra personalidade: Camilo de Lellis, um homem e um santo que demonstrou, com o pensamento e as obras, novos e fundamentais lados da misericórdia do Deus de Jesus Cristo, reformando radicalmente também o conceito de santidade e de cuidado pelos doentes. O valor e a importância destes ulteriores aprofundamentos da espiritualidade camiliana para a Ordem religiosa dos Ministros dos Enfermos e para a Congregação das Filhas de São Camilo e das Ministras dos Enfermos, serão examinados provavelmente pela mesma Ordem e pela mesma Congregação.

Uma biografia *sui generis*, portanto, sem aquelas partes anedóticas que compõem o sabor, talvez, modestamente picante; com uma grande parte de comentários, de intuições, de considerações confiadas a terceiros, entre eles a abaixo assinada, com a intenção de evidenciar e fazer compreender a quem lê, quanto aparece não emergir com força dos dados e das datas. Uma quase -biografia - poderia arriscar de dizer - enriquecida por uma série de testemunhos de primeira mão, que o afeto e a devoção, talvez rendem um pouco menos objetivos do necessário; que, porém, é um índice de uma personalidade tanto rica para poder doar de mãos cheias. O caso de uma mulher, de uma escritora, de uma educadora, de uma fundadora, enfim, que ainda hoje - no Terceiro Milênio do cristianismo - põe perguntas, requer uma reflexão, doa sabedoria.

Uma busca, então, com uma exploração ultrassônica no mistério de uma vida concretamente e completamente doada

ao próximo para ser doada a Deus; na fadiga de compreender, dia após dia, a trama de um tecido espiritual e social de difícil identificação, com a obstinação de quem não quer confiar em si mesmo e nem menos em celebres mestres, mas unicamente no Espírito de Amor, o único autêntico Mestre que não mente e não deixa mentir.

Ainda: um convite para olhar no abismo surpreendente do "sonho de Deus sobre Suas criaturas" com o olhar inocente da criança, unida a coragem consciente do adulto e da destacada sabedoria do ancião: as três idades da Germana no itinerário da sua longa vida, assim como ela as soube viver, e que são exemplo, de coragem e de esperança para cada um daqueles que a seguiram no árduo e entusiasmante caminho da laicidade consagrada ao Amor pela Trindade e pelos irmãos.

Este, portanto, quer ser somente um início, a abertura de uma série de outros estudos e investigações sobre a vida, sobre realizações e principalmente, sobre a profunda interioridade da Sommaruga, que quem escreve, deseja possam ser cedo conduzidas com o rigor da ciência historiográfica, unido a um olhar aberto ao Infinito. Como para muitas mulheres cristãs - fundadoras ou iniciadoras de obras importantes - também para a Sommaruga o risco do esquecimento histórico: no máximo, se retém suficiente uma lembrança mais ou menos "hagiográfica". Isto não faz justiça, mas não faz justiça nem menos a história da sociedade onde viveram e operaram, e à Igreja da qual foram fiéis, competentes e proféticas "filhas".

Marisa Sfondrini

Uma história entre duas guerras

A pessoa: Germana Sommaruga

1914-1995: o ano de nascimento e aquele da morte são fundamentais para entender a espessura profética (voz de Deus na história humana) da vida de Germana Sommaruga. Ela tem sucesso no pequeno "milagre" de reinterpretar, no "século breve", um dos dados que marcaram de maneira decisivamente positiva o século precedente: o nascimento e o desenvolvimento das ordens religiosas femininas de vida ativa dedicada à caridade daquelas porções mais fracas da humanidade. O reinterpreta de maneira original, recolhendo, com sensibilidade finíssima, as instâncias que já percorriam a vida de alguns homens e mulheres, seus conterrâneos e que, por uma singular vontade do Espírito, ficaram circunscritas e defendidas por um segredo e privacidade, porque consideradas talvez, muito "futuristas" para o clima eclesial do tempo. O reinterpreta de maneira assim pessoal e perturbadora até fazê-lo transformar na sua própria vida, parte inevitável (e inseparável) da sua biografia.

Por qual motivo dizemos "reinterpretar"? Porque Germana Sommaruga colheu o valor de ser leiga e de permanecer leiga, mesmo na completa e absoluta consagração da própria vida ao Senhor, para entrar na história da caridade cristã de maneira nova, profeticamente consciente das mudanças que na Igreja e na vida da mulher seriam verificadas e das quais havia já alguma tímida advertência, desde os primeiros anos do Novecentos nos recém-nascidos movimentos femininos.

Germana faz suas as dores, as angústias, as necessidades

espirituais além daquelas materiais, depois da conclusão de duas dramáticas guerras, daquelas duas guerras definidas "mundiais", porque nunca antes daquele momento, os beligerantes se encontraram de uma ou de outra parte dos oceanos (Atlântico e Pacífico).

O olhar de Germana não se limita a Itália: também por causa do seu país de origem (sua mãe era hebraica) e dos seus fatos familiares, se abre à Europa e depois ao mundo inteiro. Debaixo de sua pele há o sentido de ser missionária, que está no coração do discipulado cristão: A Boa Nova que cada batizado recebeu que se transformou no primeiro significado e último da sua vida, não é um pequeno privilégio conferido *ad personam*, mas um dom para partilhar com todos aqueles que não o conheciam ainda, mais pertos ou longes (no tempo e no espaço) que estejam.

Caridade-amor e missão são duas forças que movem toda a existência da Germana desde os anos da adolescência. Parece que não há outros fatos na sua movimentada vida, seja no interior da família, sejam no exterior. As múltiplas dores que, juntamente as inefáveis alegrias, constelam a sua existência desde o seu nascimento, súbito a tornam sensível as alegrias e as dores dos outros.

Uma história simples e complexa

"Nasce órfã", porque graves problemas de saúde obrigaram a afastá-la - praticamente recém-nascida - da mãe, que depois de pouco tempo faleceu sem nunca tê-la conhecido. Transcorreu a primeira infância circundada pelo amor do pai e do resto da sua família, até que encontrou uma nova docíssima mãe na segunda esposa de seu pai. A sua adolescência e a sua juventude são, portanto, acompanhadas pelo carinhoso, respeitoso afeto de uma mulher - também essa realmente extraordinária - que a sabe compreender e a

ajuda a crescer na maturidade humana e cristã.

Os, não humanos, acontecimentos históricos das décadas de Trinta e Quarenta, fazem conhecer a Germana a angústia da perseguição (mesmo batizada, Germana é filha de mãe hebraica, e por esse motivo "incriminada" pelas leis raciais nazistas e fascistas); angústia que se agrava também por causa do anti nazismo da família que, pertence por nascimento a sua "segunda mãe", de nobre origem francesa, onde os parentes mais próximos são perseguidos na pátria pelos invasores nazistas.

Outras três dimensões que se podem "ler", na história de cada criatura humana (de origem humana - profissionalismo - vocação) para Germana precisa acrescentar uma quarta, aquela de "porta-voz do Espírito Santo". A Sommaruga é uma mulher, escritora e fundadora; esta última dimensão a caracteriza de maneira prepotente, porque ela de qualquer maneira se sente e é, desde jovem, uma daquelas intermediárias que o Espírito de Deus se escolhe, na história para fazer conhecer a Sua vontade. É, Suas mãos, Sua voz, Sua caneta... tudo para dar corpo e consistência aquela idéia que se transformará com o tempo no "seu" Instituto.

Afetos, trabalho profissional, relacionamentos amigáveis, existirão e serão importantes, mas não tanto quanto aquela "ideia"! Também no testemunho das pessoas que a conheceram e viveram perto dela, é a consciência desta quarta dimensão a prevalecer. Assim como, na elaboração de uma biografia, é este o dado que prevalece e deixa em segundo lugar os outros: muita parte não se pode fazer a menos de dedicar ao nascimento, crescimento e a expansão do Instituto secular por ela fundado, amado pelas "filhas" que o constituíram, viveram até no fundo das expectativas, nas ânsias, nas preocupações e nas alegrias.

A história de Germana Sommaruga se enlaça assim de maneira inextricável e dificilmente separável da história da Igreja (italiana e universal) do Novecentos, uma história que

vê o leigo protagonista de uma nova busca teológica, mesmo de um Concílio, o Vaticano II.

Estas considerações não devem maravilhar-nos: se olhamos a história, principalmente àquela da Igreja, vemos que aquilo que aconteceu um pouco para todos aqueles que iniciaram percursos novos, proféticos; para todos aqueles que o Espírito de Deus encarregou para encontrar novas vias, nunca percorridas antes, através das quais mostrarem aos homens e as mulheres de cada tempo a “Boa Nova”.

Em todo o caso, a personalidade da Germana, seu próprio ser “a porta-voz do Espírito de Deus” é evidente nas três fundamentais dimensões da mulher (o pertencer humano), de escritora (o profissionalismo), de fundadora (a vocação).

A mulher

Ser mulher para Germana é a primeira "descoberta" fundamental: desde pequena, a consciência de sua feminilidade e da responsabilidade inerente a este pertencer não escolhido, mas que o Criador quis, a conota, a interpela, é o "sinal" que caracteriza cada sua decisão. Em uma sociedade onde os costumes femininos se estão evoluindo rapidamente (lembre-se no Oitocentos o sufrágio até o novo feminismo da década de Setenta-Oitenta do Novecentos) Germana intui e interpreta, dentro dos seus acontecimentos, as tensões, os movimentos, os desafios e as conquistas culturais e sociais das mulheres. Os lê à sua maneira, à luz do Evangelho, do Espírito de Amor que sempre será a guia da sua vida.

Como já foi referido, não podemos recorrer a uma precisa anedótica: tudo deve ser lido em filigrana na história humana de uma criatura que, em cada momento da sua vida, sente-se "capturada" pelo Senhor, apoiada por Ele e por Ele conduzida pelas vias que lhe são desconhecidas, obscuras.

Não é uma espécie de "monstro" avulso da realidade que a

rodeia: está envolvida completamente nessa realidade, por mais contraditória que possa aparecer, porque a sente "semente do Reino", um lugar sagrado onde o Senhor trabalha, misteriosamente, mas verdadeiramente.

Ela é uma mulher "por natureza e cultura", se poderia dizer, derivado do novo vocabulário feminista. Um corpo e uma mente femininos no sentido mais amplo e elevados do termo: impulsos sentimentos, iniciativas, estão ligados ao seu ser de mulher e não podem ser interpretados se não sob esta luz. Asua formação é aquela de uma menina e, em seguida, de uma jovem do seu tempo, em uma família, porém, já aberta para um empreendedorismo feminino que, irão tornar-se regra anos mais tarde.

Nas relações com sua família, um ponto forte será uma grande sensibilidade para com o seu próximo mais "próximo": o pai, amado com ternura; a segunda esposa de seu pai, sempre chamada "mãe Paulette" para não esquecer a "mãe na carne", que morreu prematuramente, e ao mesmo tempo para reconhecer a sua inegável influência positiva; o irmão mais velho, Giuliano, também ele morreu prematuramente; Claudio, o outro irmão que nasceu do segundo casamento do pai, com quem Germana tecerá uma conexão indissolúvel, tornando-se talvez, ainda mais forte por uma comunhão intelectual (mas infelizmente não espiritual: Claudio se declarará sempre "não crente") rara até entre os consanguíneos. Mesmo quando lhe será pedido, explicitamente, a cortar os laços com sua família de origem, para dar vida a uma nova "família" (ou "pequena família", como ela a chamará) espiritual, aquelas afeições continuarão em espírito e nos sentidos de Germana de maneira indelével.

Ela é uma mulher e mãe: a conotação "clássica" feminina da maternidade não é estranha para Germana, mesmo que o seu corpo nunca tenha crescido dentro de si uma nova criatura. Germana concebeu e deu à luz a muitas filhas e muitos filhos no Espírito. Concebeu e deu à luz. Concebeu: